

Índice Item 27 Belmonte

1.	Afonso Teixeira Filho	UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO BRASIL	TEMA 2.1. A Poesia excêntrica de Augusto dos Anjos
2.	Álamo Oliveira	ESCRITOR, AÇORES	TEMA 3.1 A crítica puética (o gato que não tinha cama sua), sobre um texto de Urbano Bettencourt
3.	Alexandre Banhos	FUNDAÇÃO MEENDINHO, GALIZA	TEMA 2.3. Espanha versus Hespanha
4.	Ángelo Cristóvão	ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA	Tema 2.3. A gestão do Acordo
5.	Antº Ponces De Carvalho	DIRETOR ESSE JOÃO DE DEUS, PORTUGAL	TEMA 2.5. O impacto da cartilha maternal de João de Deus
6.	Brites Araújo	ESCRITORA, NAV AÇORES	TEMA 3.1. O Humor Em Urbano Bettencourt
7.	Carla E Santo Guerreiro	ESSE, IP BRAGANÇA PORTUGAL	TEMA 2.4. Terra D'encontros – A investigação por trás da ficção, os judeus portugueses, em terras raianas, no dealbar do séc. XX
8.	Lídia Machado Santos		
9.	Carolina Cordeiro	ESCRITORA AÇORES	TEMA 3.1. Os atos ilocutórios ao serviço da marca poética na novela um Deus à beira da loucura, de Daniel de Sá
10.	Chrys Chrystello	Jornalista australiano Sydney e Presidente AICL	Poesia a 5 vozes
11.	Concha Rousia	AGLP, GALIZA	TEMA 2.3. A Língua Viva Na Galiza
12.	Elsa Sofia Gomes De Miranda	ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA / CÂMARA MUNICIPAL BELMONTE, PORTUGAL	TEMA 2.1. Guiné-Bissau e Timor-Leste: política e uso da língua portuguesa
13.	João Malaca Casteleiro	ACL PORTUGAL	A Academia das Ciências de Lisboa e o Acordo ortográfico
14.	João Morgado	ESCRITOR / CHEFE DE GABINETE PRESIDENTE CÂMARA BELMONTE, PORTUGAL	TEMA 1.1. Cabral, o líder humanista que chegou ao Brasil
15.	José António Salcedo	CIENTISTA, EMPREENDEDOR, PORTUGAL	TEMA 2.5. Reflexão sobre alguns desafios do futuro próximo
16.	José Carlos Gentili	ALB, BRASÍLIA BRASIL	Tema 1.3 A emigração judaica e as suas influências culturais
17.	José Carlos Venâncio	UBI, PORTUGAL	TEMA 2.7. A dimensão estética da lusofonia. História e criatividade (literária e artística) no espaço lusófono
18.	José Paz Rodrigues	AGLP GALIZA	TEMA 2.3. Goa, um recanto galego-português na Índia
19.	Laura Areias	CLEPUL, UNIV LISBOA PORTUGAL	Tema 2.1. Portugueses outrora, havaianos hoje
20.	Luciano J B S Pereira	ESE IP SETÚBAL PORTUGAL	TEMA 1.3. Referências e indícios hebraicos na literatura popular.
21.	Margarete Silva	TRADUTORA FREELANCE LUXEMBURGO	TEMA 1.3. O Legado do ladino em terras lusas e na diáspora: uma abordagem geopolítica
22.	Maria João Ruivo	ESC. SEC ANTERO DE QUENTAL, AÇORES	O Diário, Apresentação Literária
23.	Miguel Real	CLEPUL - FACULDADE DE LETRAS DE LISBOA PORTUGAL	TEMA 2.1. Traços fundamentais da cultura portuguesa TEMA 3.1. Introdução ao itinerário crítico de Urbano Bettencourt
24.	Pedro Paulo Câmara	ESCRITOR AÇORIANO AÇORES	TEMA 3.1. Violante de Cysneiros: De Orpheu a “Azulejos” - a viagem sem retorno
25.	Rolf Kemmler	UTAD E ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE LISBOA, ALEMANHA	TEMA 3.3. São Miguel e os seus habitantes em <i>The Azores or Western Islands (1886) de Walter Frederick Walker.</i>
26.	Urbano Bettencourt	ESCRITOR HOMENAGEADO 2017 AÇORES	TEMA 3.1. Pedro da Silveira – As Ilhas da Literatura
27.	Ximenes Belo (D. Carlos)	PRÉMIO NOBEL 1997,	TEMA 3.2. Missionários açorianos no Oriente: Dom José da Costa Nunes e a sua ação em Timor

Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115

7. CARLA DO ESPÍRITO SANTO GUERREIRO, ESE, IPB. AICL

8. LÍDIA MACHADO SANTOS, ESE, IPB. AICL,

TEMA 2.4. TERRA D'ENCONTROS - A INVESTIGAÇÃO POR TRÁS DA FICÇÃO - OS JUDEUS PORTUGUESES, EM TERRAS RAIANAS, NO DEALBAR DO SÉC. XX. CARLA DO ESPÍRITO SANTO GUERREIRO E LÍDIA MACHADO DOS SANTOS



São sobejamente conhecidas as datas mais significativas que se prendem com a Diáspora Sefardita, bem como as suas nefastas consequências para centenas de famílias em Portugal entre os séculos XV e XIX, decretadas, ora pela mão de monarcas espanhóis, ora pela mão de reis portugueses, ora ainda pela pena do Santo Ofício.

Por termos conhecimento da existência de uma quantidade significativa de famílias de origem Sefardita que, ao longo dos séculos, se instalou, cresceu e desenvolveu as suas atividades comerciais no Planalto Mirandês, foi nosso propósito aprofundar e ao mesmo tempo circunscrever mais a investigação e determo-nos em Lagoaça, aldeia situada no coração do Planalto e aí estudarmos as identidades/diferenças judaico-cristãs, na época referida.

Para além das referências bibliográficas consultadas, foi necessário optar por uma metodologia de cariz natural, com recurso a entrevistas aos habitantes mais velhos da aldeia e aldeias circundantes, para recolher dados que pudessem sustentar a investigação. Assim, nasceu a obra romanesca *Terra D' Encontros*⁹⁸, uma obra em prosa que narra as aventuras/desventuras de uma galeria de personagens que se movem no meio rural do nordeste trasmontano de inícios do século passado.

As personagens são ora completamente fictícias, ora de inspiração real e povoam a obra com os seus sonhos e desejos, as suas crenças e as suas rotinas diárias. Ao longo do romance vão-se evidenciando diferenças culturais, sociais e, conseqüentemente, comportamentais e ainda a imposição da religião católica

⁹⁸ Guerreiro, C. E. S., Machado dos Santos, L. (2016). *Terra D' Encontros*. Lisboa: A Minha vida dava um Livro.

num terreno claramente diversificado. As especificidades do romance histórico *Terra D' Encontros*, juntamente com o tempo da narrativa escolhido, fazem dele uma obra com características pioneiras no estudo das relações judaico cristãs no Planalto Mirandês.

“Belchior abeirou-se da mesma mesa, pousou também as suas mãos e com uma inclinação do corpo, juntou o seu rosto ao do padre:
- Vimos de todas as terras santas que há no mundo e moramos na casa que conseguimos comprar com o suor do nosso rosto. – respondeu serenamente.”⁹⁹

São sobejamente conhecidas as datas mais significativas que se prendem com a Diáspora Sefardita, bem como as suas nefastas consequências para centenas de famílias de norte a sul de Portugal entre os séculos XV e XIX, decretadas, ora pela mão de monarcas espanhóis, ora pela mão de monarcas portugueses, ora ainda pela pena do Santo Ofício. Foi efetivamente uma longa listagem de documentos históricos, reflexões e testemunhos que tivemos a oportunidade de ler¹⁰⁰, logo que encetámos este estudo que nos levou a descobrir algo de que já, seriamente suspeitávamos: a falta de um levantamento de aspetos etnográficos, culturais, sociais e experienciais entre judeus e cristãos, no dealbar no século XX, no nordeste transmontano (Portugal).

Por termos conhecimento, através de vários estudos realizados a propósito desta temática em Trás-os-Montes e Alto Douro, concretamente no Planalto Mirandês, da existência de uma quantidade significativa de famílias de origem sefardita que, ao longo dos séculos, se instalou, cresceu e desenvolveu as suas atividades comerciais nessa zona raiana, foi nosso propósito aprofundar e ao mesmo tempo circunscrever mais a investigação e determo-nos em Lagoaça, aldeia situada no coração do dito Planalto e aí estudarmos as animosidades/partilhas judaico-cristãs na época referida.

Para além das referências bibliográficas consultadas – escassas, atendendo à temática e à época que nos moviam – foi necessário optar por uma metodologia de cariz natural, com recurso a entrevistas aos habitantes mais velhos da aldeia em questão e aldeias circundantes, para recolher dados que pudessem sustentar

⁹⁹ Guerreiro, C. E. S., Machado dos Santos, L. (2016). *Terra D' Encontros*. Manuela Pereira: A Minha vida dava um Livro, p. 54.

¹⁰⁰ Mattoso, J. (Coord.) (2011). *História da vida privada em Portugal*. A época contemporânea. Lisboa: Círculo de Leitores.

Carvalho, A. C. (1999). *Os judeus do desterro em Portugal*. Lisboa: Quetzal.

Rodríguez, J. A.B (2003). *Zamora y Castilla y León en las migraciones españolas*. Junta de Castilla y Leon, Consejería de Educación. Zamora: Heraldo de Zamora Artes Gráficas.

a investigação. Assim, nasceu a obra romanesca *Terra D' Encontros*¹⁰¹ - uma obra em prosa que narra as aventuras/desventuras de uma galeria de personagens que se movem no meio rural do nordeste trasmontano de inícios do século passado, mais concretamente no seio da comunidade lagoaceira.

As personagens são ora completamente fictícias, ora de inspiração real e povoam a obra com os seus sonhos e desejos, as suas crenças e as suas rotinas diárias. Ao longo do romance vão-se evidenciando as diferenças culturais, sociais e, conseqüentemente, comportamentais que alguns dos seus membros assumiam em público e ainda a imposição da religião católica num terreno claramente diversificado. *Terra D' Encontros* traz aos leitores uma população dividida entre “bairro de cima” e “bairro de baixo”, judeus e cristãos, mas, ao mesmo tempo, a tentativa velada de alguns dos seus membros em instaurar a uniformidade e fazer esquecer o que melhor caracterizava o seu povo: as especificidades de cada um.

A narrativa que dá corpo ao romance de cariz histórico *Terra D' Encontros* entretetece-se de várias estórias que entroncam umas nas outras como os ramos de uma árvore num tronco comum a todas. O fio condutor é a história de Benjamim, nascido numa família de cristãos novos, mas praticantes fiéis da religião mosaica dentro de portas, com os demais familiares. É com efeito com o nascimento desta personagem que o romance se inicia e são revisitadas todas as tradições do nordeste trasmontano, em inícios do século XX, no que à gravidez e ao parto dizia respeito: as crenças, os hábitos e todos os rituais que envolviam o nascimento de uma criança¹⁰². Tradições e hábitos judaico-cristãos que se miscigenaram ao longo de séculos e originaram o nosso património cultural comum, bem como todo o léxico / regionalismos próprios dos momentos que compunham um quadro descritivo de um parto e todas as tarefas agrícolas e domésticas que preenchiam a rotina da população, independentemente do estatuto social que as posses de cada um determinavam.

A partir desse episódio, o tempo e as estórias desenrolam-se e surgem em palco personagens dos mais variados tipos. Planas ou modeladas, todas elas servem para conferir verosimilhança à narrativa e fazer o leitor viajar no tempo e no espaço, transportando-o até um momento histórico de grandes modificações

¹⁰¹ Guerreiro, C. E. S., Machado dos Santos, L. (2016). *Terra D' Encontros*. Manuela Pereira: A Minha vida dava um Livro.

¹⁰² Joaquim, T. (1983). *Dar à luz-ensaio sobre as práticas e crenças da gravidez, parto e pós-parto em Portugal*. Lisboa: D. Quixote.
Lamas, M. (2003). *Mulheres do meu país*. Lisboa: Caminho.

sociais, em que a 1.ª República se instalava; Portugal deixava de ser oficialmente um país católico e passava a ser laico e os padres incitavam o povo a revoltar-se e depor “o infiel”¹⁰³.



Além de Benjamim, que representa a comunidade judaica, vão “surgindo em palco”:

a) Albertino, o brasileiro de torna-viagem;

b) Fátima, que personifica o ânimo e a força de trabalho das mulheres trasmontanas;

c) os padres Juvenal e João, que representam um clero rural que valoriza mais os aspetos materiais em detrimento dos espirituais, mas que, apesar de o narrador os fazer surgir em épocas diferentes, ambos se pautam por uma ideia comum: combater os supostos “falsos” cristãos que sabiam que existiam entre o seu “rebanho” e os quais ansiavam desmascarar em praça pública, acreditando, desse modo, no fortalecimento espiritual das suas “ovelhas” caso isso se verificasse;

d) Adosinda, a jovem que o narrador faz deambular por terras santas para fugir à ironia e aos olhares enviesados a que a aldeia a condenara pelo seu pé boto e propensão a relacionamentos com gente de posses menores; a mulher que arregimenta multidões para a Santa Madre Igreja e, numa época ulterior da sua vida, a beata que se dedica, inteira e piedosamente, a todos os paramentos que as diversas igrejas e capelas da aldeia exigem ver ordeiros e cuja conduta o leitor vê alterar-se e moderar-se; e) Maria de Lurdes, a filha de uma jornaleira, que vê “invertido” o rumo da sua vida, quando é adotada pelos Matos, o casal mais rico de Lagoaça, e cuja vida se vai cruzar com a de Benjamim, dando, assim origem a uma união indissolúvel entre um judeu e uma cristã, ambos convictos das práticas religiosas que as respetivas famílias lhes transmitiram e que as personagens fielmente mantiveram.

Por último, também é abordada a saga da imigração/emigração, nas figuras de Juan, um leonês fugido da miséria de Castela-Leão e Arminda, a filha do casal judaico-cristão: Benjamim e Lurdes, que desbravará juntamente com o seu marido Aurélio, sargento do exército português, as terras de além-mar que faziam parte do então império colonial português.

¹⁰³ Barnavie, Élie (1992). *História Universal dos Judeus* (Da génese ao fim do séc. XX). Lisboa: Círculo de Leitores.

Há também o caso do casal proveniente de Carção¹⁰⁴, (concelho de Vimioso, Trás-os-Montes), aldeia conhecida por albergar várias famílias que praticavam o judaísmo havia séculos, ligadas, tal como atestam os documentos¹⁰⁵, à comercialização em terras transmontanas de peles, azeite e demais produtos característicos daquelas paragens e alvo de invejas, críticas profundas e contundentes feitas ao seu estilo de vida dentro e fora de portas, apenas através das frestas que essas famílias deixavam visíveis aos olhos da comunidade onde se tinham integrado. Helena e Belchior surgem como continuadores de uma diáspora interminável; um casal que não desiste de encontrar um lugar, onde as suas diferenças religiosas e conduta sejam respeitadas e aceites. Adquirem uma casa em Lagoaça e é aí que nasce Catarina, a primeira filha do casal, num momento em que Helena está sozinha em casa e, por conseguinte, sem ninguém a quem recorrer porque qualquer habitante se assumia como um desconhecido e, ao mesmo tempo, um intruso. O leitor assiste a um parto com recurso a orações de origem mosaica, numa ocasião de particular desespero que simbolizam também a força anímica e a coragem da mulher sefardita.

Terra d'Encontros permite-nos o regresso ao Trás-os-Montes no dealbar do século XX, em que as ruas eram cobertas com feno e estevas e os animais - porcos, galinhas e outros, - circulavam livremente, em convívio íntimo e natural com os habitantes. Uma região isolada no planalto mirandês, servida apenas por vias de acesso feitas de terra batida e uma linha de caminhos de ferro—o comboio era, aliás, o único meio de transporte capaz de estabelecer contacto, ainda que difícil, entre Lagoaça e o resto do país; aldeias remotas que, ao contrário de Lagoaça se viam incrustadas nos recortes do Douro e nos penedos cobertos vegetação agreste e que, por isso mesmo, preservaram, durante séculos, a sua cultura e tradições, os seus hábitos mais arreigados e uma maneira muito própria de se projetarem no espaço e no tempo.

A propósito da questão da preservação, o leitor verifica que os regionalismos anotados ao longo da narrativa se revelam, sem dúvida, pertinentes atendendo à tipologia narrativa que se pretendia e à época em estudo e que o narrador os coloca meticulosamente nas falas de todas as personagens com traços de pertença ao espaço lagoaceiro e ao universo que abarca. Estão presentes os mais variados regionalismos e expressões idiomáticas próprios da zona sul do distrito de

¹⁰⁴ Andrade, A., Guimarães, M. (2008). *Carção: A Capital do Marranismo*, Bragança: Associação Cultural dos Almocreves de Carção, Associação CARAmigo, Junta de Freguesia de Carção e Câmara Municipal de Vimioso.

¹⁰⁵ Palavras, A. (Coord.) Trás-os-Montes e Alto Douro-Mosaico de Ciência e Cultura. Lisboa: Exoterra Lda.

Bragança, sempre acompanhados das explicações que o narrador considera pertinentes para esclarecimento do leitor. Tais expressões foram também alvo de investigação, por nossa parte, uma vez que o tempo fez com que muitas caíssem em desuso, mas que, à luz dos inícios do século XX, eram detentoras de sentido etnográfico, cultural, religioso e social por fazerem parte das relações entre os habitantes da aldeia e das aldeias circundantes bem como das mais afastadas, com as quais Lagoaça estabelecia todo o tipo de relações – desde as comerciais às que surgiam ligadas ao casamento ou às lides da agricultura, no momento de contratar mãos para o trabalho sazonal.

Outro aspeto que poderá indiciar a pertinência do estudo que realizámos e a redação subsequente do texto romanesco prender-se-á com o conjunto de personagens ao qual já aludimos, mas dentro do qual convém destacar aquelas que se assumem como figurantes e às quais o narrador designa pequenas intervenções, ora em correlação com outros figurantes, ora com as personagens principais. De qualquer forma, todas elas poderão ser consideradas no conjunto que compõe a narrativa, uma vez que ajudam a estabelecer laços e ideias no tempo e no espaço e fornecem ao leitor o fio de que este precisa para se guiar entre a trama de acontecimentos. Assim surge gente que chega e parte, que protagoniza crenças e ideologia diferentes, que nasce e morre. Enfim, a obra retrata o curso natural de uma comunidade, que como qualquer outra tem as suas especificidades.

Embora nos tenhamos centrado em Lagoaça como um macro espaço, parece-nos também que a organização da narrativa passa por uma estruturação de micro espaços que eram ocupados ora apenas pela família e vizinhos, ora pela comunidade e podiam ser frequentados por todos os habitantes. É o caso do espaço da igreja, dos *sótos*¹⁰⁶ e das pensões.

Por um lado, a igreja e as personagens, que corporizam os padres (Juvenal e João) são caracterizadas segundo a sua apetência para o cultivo dos bens materiais e uma busca incessante de supostos fiéis que não frequentam a Casa de Deus. Tal é o caso da família de Benjamim, por ser seguidora da Lei Mosaica no seio familiar e cultivar uma espécie de fingimento cristão uma vez em público. Por outro lado, *sótos* é um termo típico da região alto duriense - o mesmo que

¹⁰⁶ Estabelecimentos comerciais.

pequena loja ou minimercado, onde se vendia de tudo - dos parafusos, ao arroz e bacalhau, até aos pregos e arreios para animais e, em vários casos, os próprios caixões, em que as pessoas desciam à terra. Este último espaço surge na narrativa como um microcosmo do qual todos os habitantes da aldeia dependem para a aquisição de todo o tipo de objetos. Finalmente, as pensões são apresentadas com algum destaque porque permitiam o alojamento de visitantes e forasteiros e constituíam o ganha-pão de algumas famílias lagoaceiras. Ora, ao contrário do que acontecia na maioria das aldeias circundantes – que se revelavam incapazes de albergar os eventuais desconhecidos aí chegados – o leitor percebe que em Lagoaça há todo um mundo comercial que gira em torno das pensões ao longo do todo o ano, quer para dar guarida a estranhos de passagem, médicos, forasteiros durante as festas religiosas e ao longo das épocas agrícolas que exigiam maior força braçal e familiares dos aldeãos vindos da estranja. É assim, por exemplo, que a personagem Albertino Reguengos conhece aqueles que o levarão além Atlântico, até terras de Vera Cruz e encetará a sua tão desejada aventura na descoberta do mundo.

Indubitavelmente, a obra romanesca: *Terra D' Encontros* é fruto de apurada investigação feita por terras raianas do nordeste trasmontano, optando por uma metodologia de cariz natural, com recurso a entrevistas aos habitantes mais velhos de Lagoaça e aldeias circundantes, para além das referências bibliográficas consultadas – escassas, atendendo à temática e à época que nos moviam e apresenta os hábitos e as crenças judaicas, ainda remanescentes e mantidos vivos entreportas pelos descendentes da grande comunidade que, em 1492, foi expulsa de Castela e mais tarde em 1496, haveria de ser expulsa ou convertida à força, por D. Manuel I.

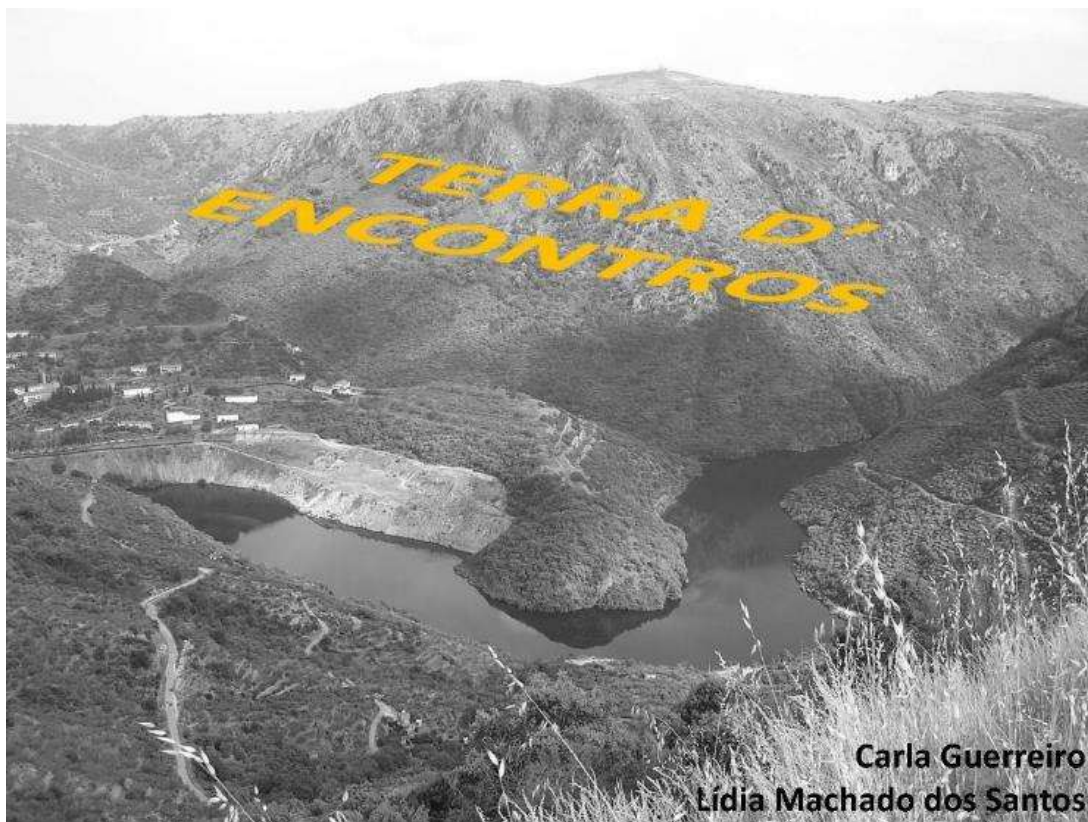
São estes judeus os verdadeiros protagonistas da obra que pretende ser também uma homenagem à fidelidade, perseverança e capacidade de sacrifício e integração destes homens e mulheres, que desde o século XV até ao século XX, lutaram por uma vida digna, na pátria que sempre foi sua e tantas vezes lhes negou a paz e reconhecimento merecidos.

Referências Bibliográficas:

- Andrade, A., Guimarães, M. (2008). *Carção: A Capital do Marranismo*, Bragança: Associação Cultural dos Almocreves de Carção, Associação CARAmigo, Junta de Freguesia de Carção e Câmara Municipal de Vimioso.
- Barnavie, Élie (1992). *História Universal dos Judeus (Da génese ao fim do séc. XX)*. Lisboa: Círculo de Leitores.

- Carvalho, A. C. (1999). *Os judeus do desterro em Portugal*. Lisboa: Quetzal.
- Guerreiro, C. E. S., Machado dos Santos, L. (2016). *Terra D' Encontros*. Manuela Pereira: A Minha vida dava um Livro.
- Joaquim, T. (1983). *Dar à luz - ensaio sobre as práticas e crenças da gravidez, parto e pós-parto em Portugal*. Lisboa: D. Quixote.
- Lamas, M. (2003). *Mulheres do meu país*. Lisboa: Caminho.
- Mattoso, J. (Coord.) (2011). *História da vida privada em Portugal*. A época contemporânea. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Palavras, A. (Coord.) *Trás-os-Montes e Alto Douro - Mosaico de Ciência e Cultura*. Lisboa: Exoterra Lda.
- Rodríguez, J. A. B. (2003). *Zamora y Castilla y León en las migraciones españolas*. Junta de Castilla y Leon, Consejería de Educación. Zamora: Heraldo de Zamora Artes Gráficas.









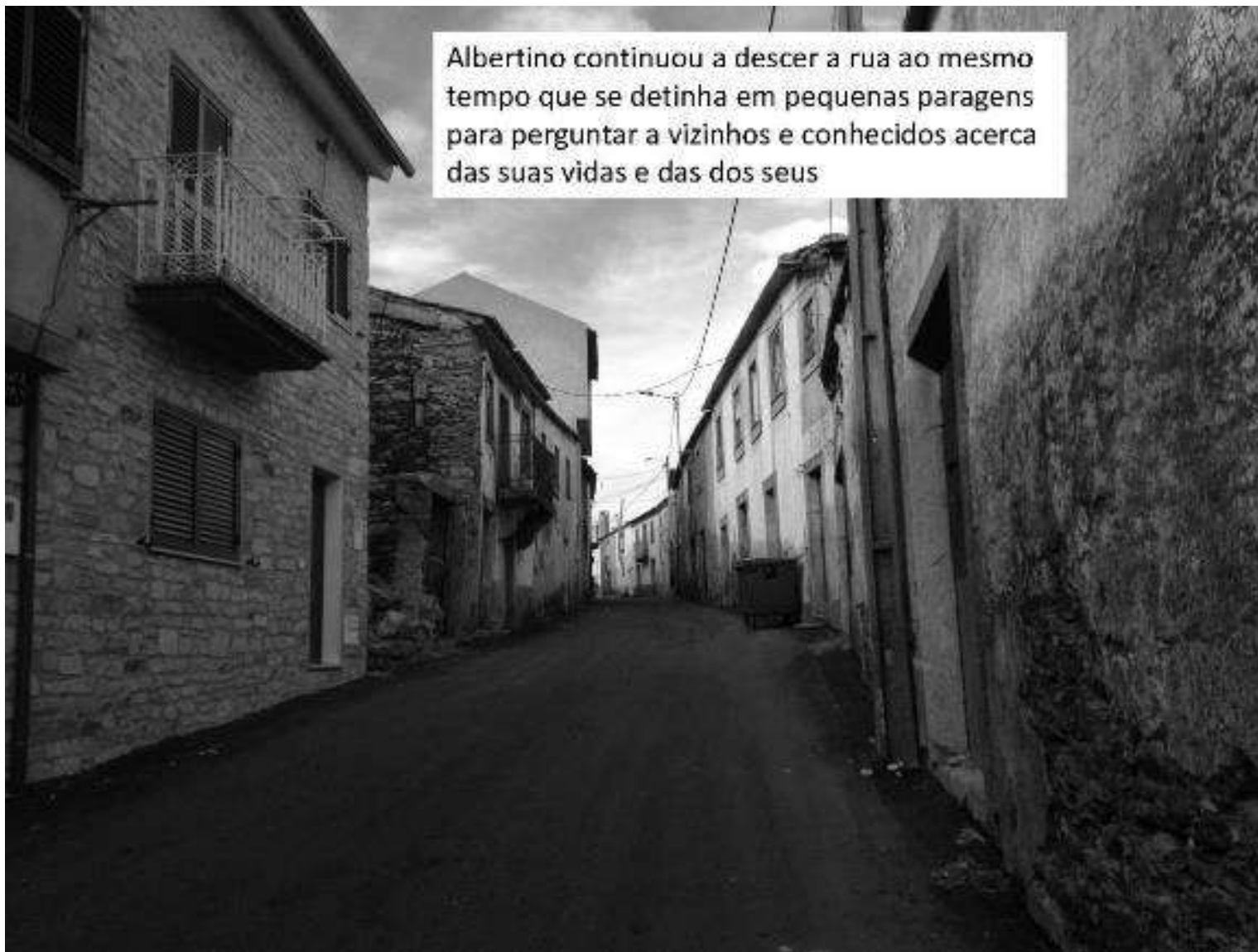
... despejou o cântaro dentro do caldeiro e fez o lume com bastantes toros de carrasco para que rápido se fizesse uma chama maior...



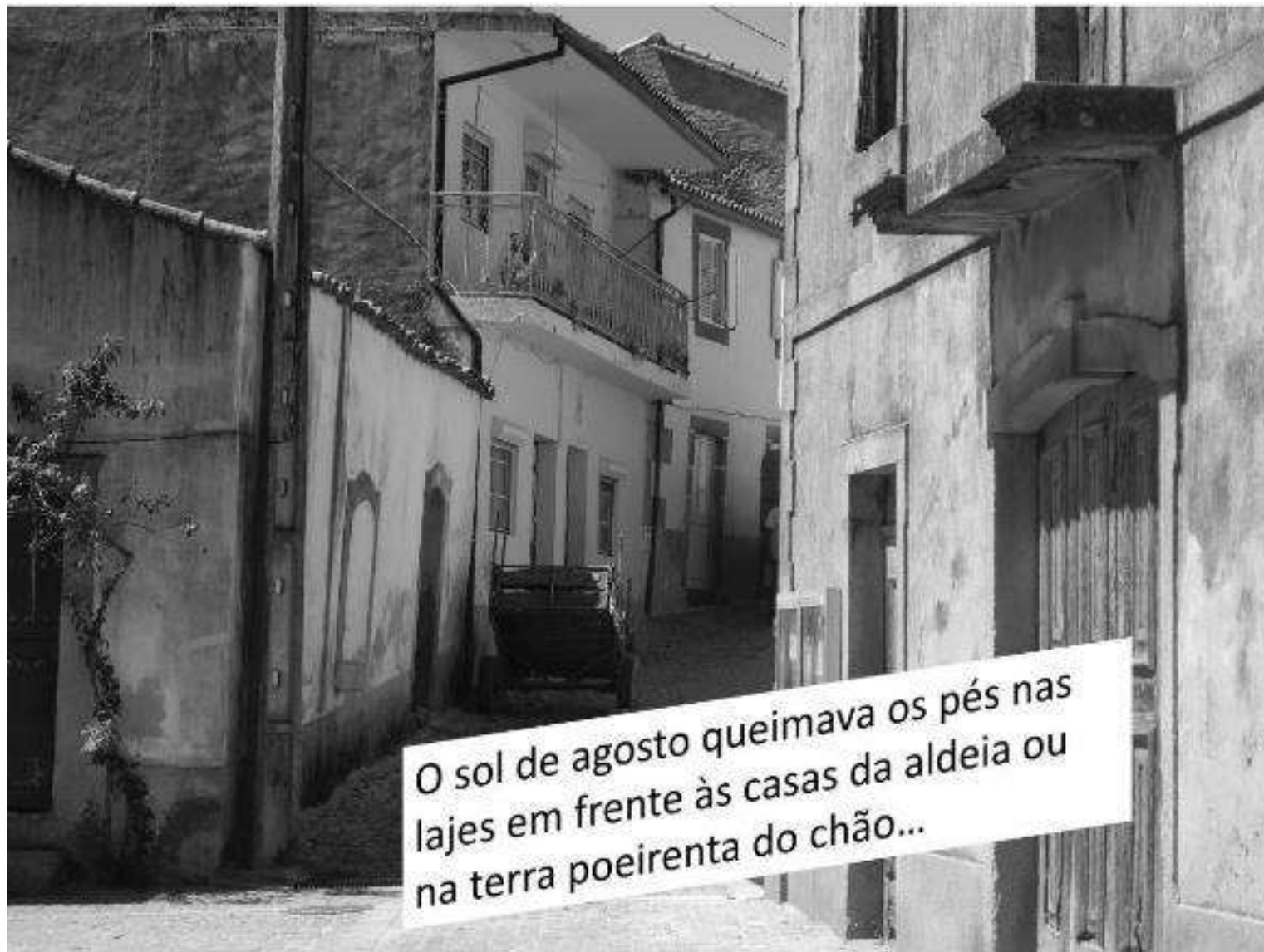


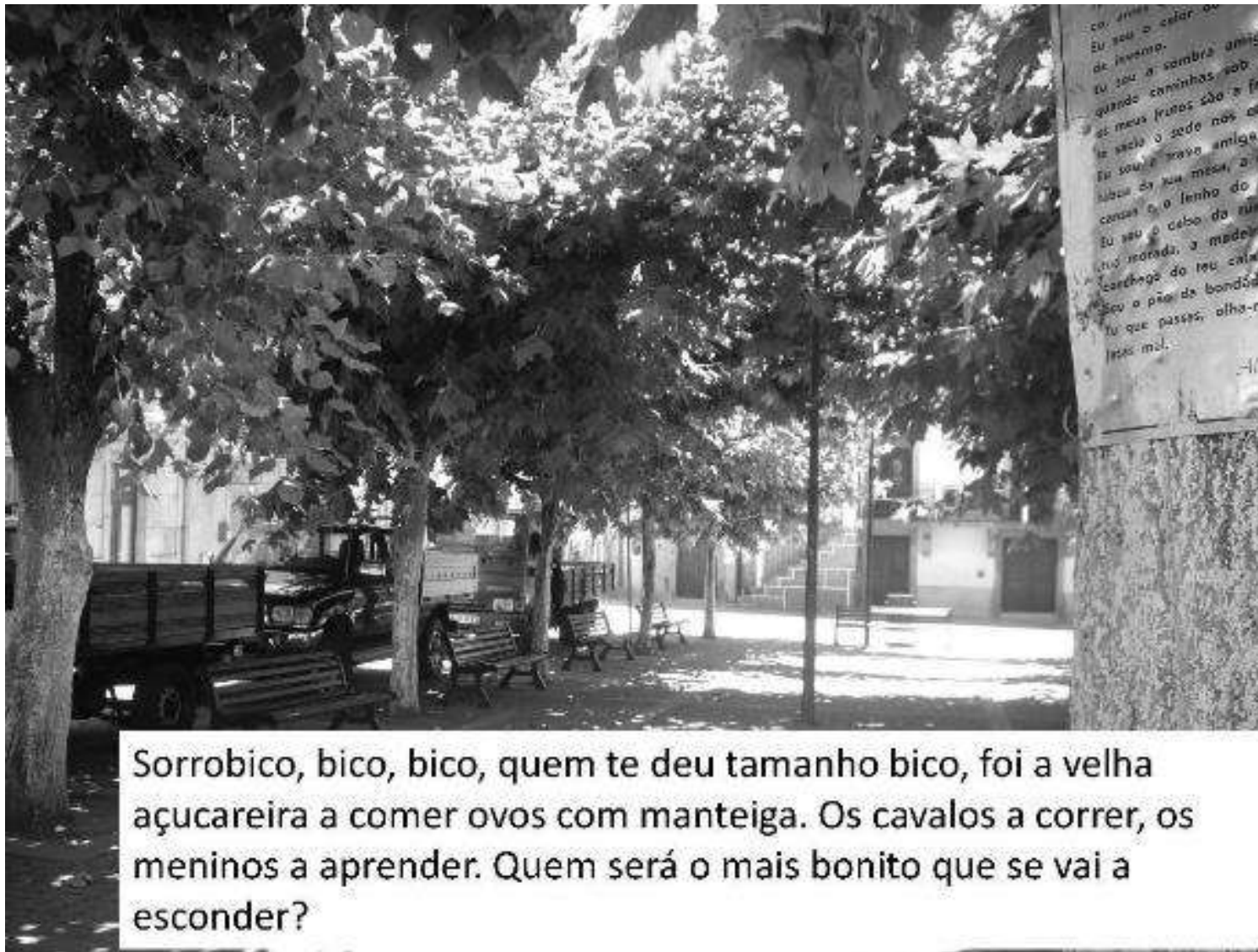
O trigo, o mais nobre dos cereais, era o ouro da terra e dele tudo era aproveitado



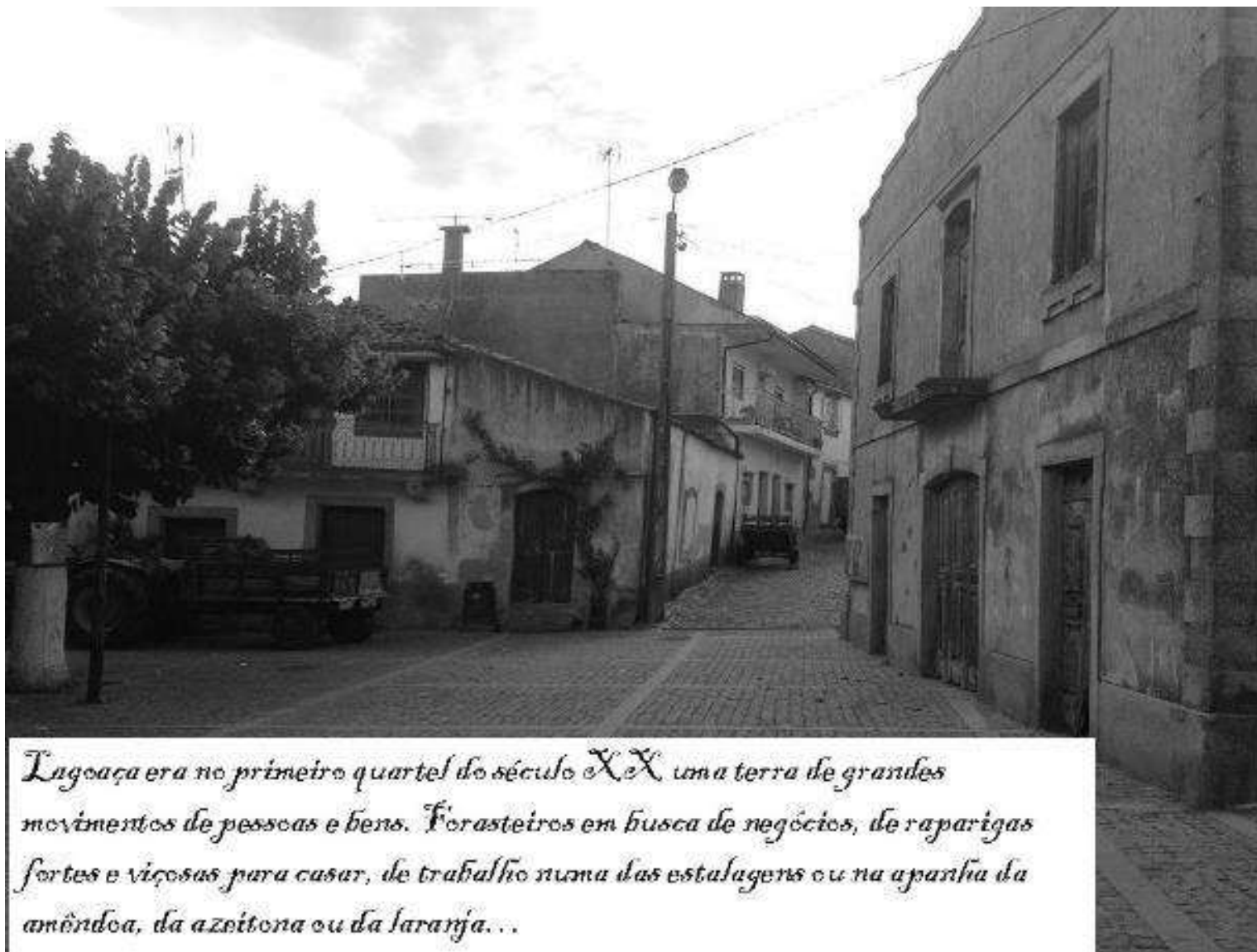


Albertino continuou a descer a rua ao mesmo tempo que se detinha em pequenas paragens para perguntar a vizinhos e conhecidos acerca das suas vidas e das dos seus





Sorrobico, bico, bico, quem te deu tamanho bico, foi a velha açucareira a comer ovos com manteiga. Os cavalos a correr, os meninos a aprender. Quem será o mais bonito que se vai a esconder?



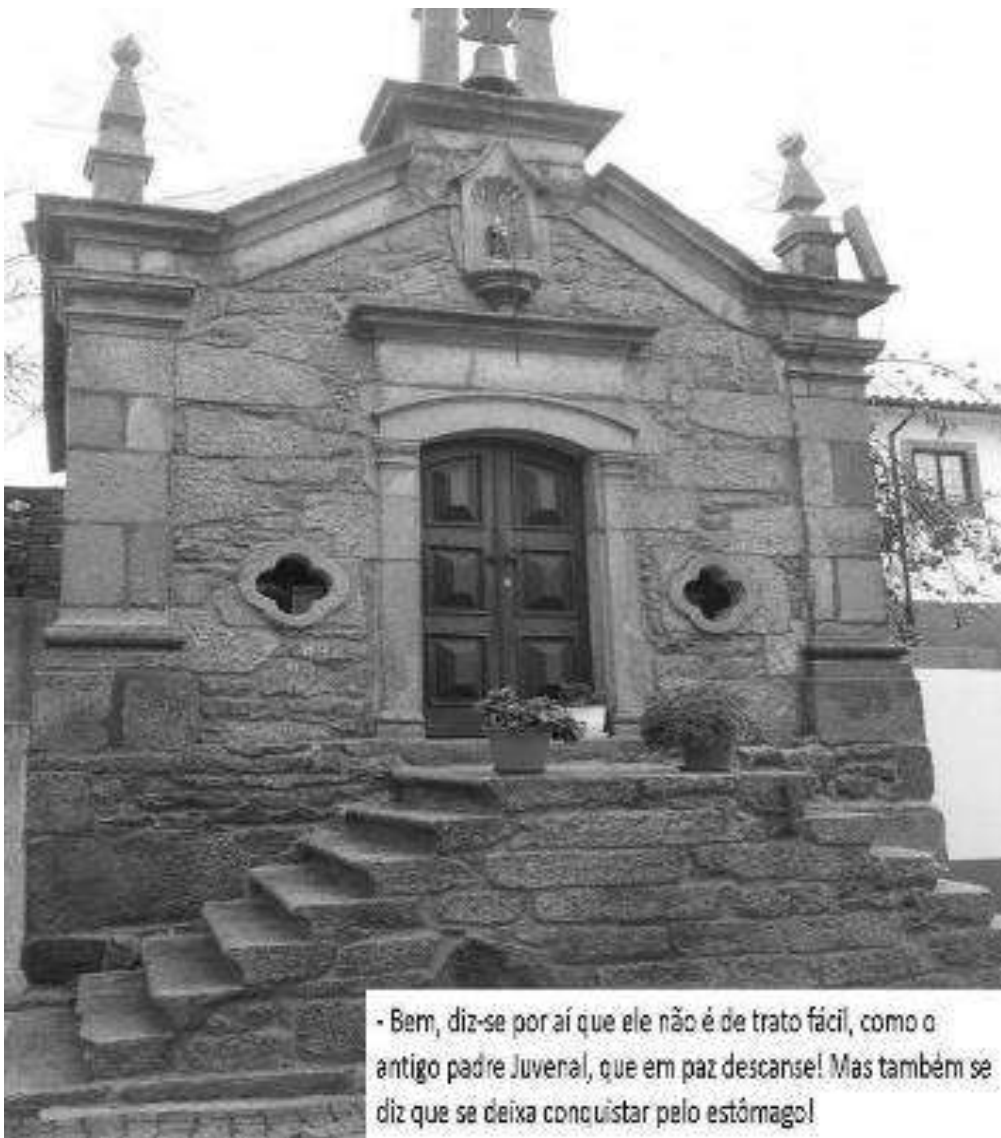
Lagoaça era no primeiro quartel do século XIX uma terra de grandes movimentos de pessoas e bens. Forasteiros em busca de negócios, de raparigas fortes e viçosas para casar, de trabalho numa das estalagens ou na apanha da amêndoa, da azeitona ou da laranja...





Aos oito anos, Lurdinhas, como era conhecida no povo, sabia já muito bem o que era a vida. Desde os cinco anos que a mãe a deixava em casa encarregada de tomar conta dos irmãos mais novos.





- Bem, diz-se por aí que ele não é de trato fácil, como o antigo padre Juvenal, que em paz descansa! Mas também se diz que se deixa conquistar pelo estômago!





a corte celestial e "a guardar o rebanho A encerrar o desfile dhumano", o pesadíssimo altar da Senhora das Graças



E agora, na véspera da partida, aqui estavam os dois: pai e filha, lado a lado, tão iguais na maneira de ser e tão afins na forma de pensar. Eles que, normalmente eram tão conversadores, não conseguiam dizer uma palavra...

O sol iniciava lentamente a sua caminhada em direção ao sopé do horizonte e Lagoaça preparava-se para mais uma noite...

